

Linguística e literatura: cruzamento (im)prováveis

Matilde Gonçalves

Abstract: This text fits in with the evocation of the 90th anniversary of Henriqueta Costa Campos' birth. I will make some comments between the writings of Henriqueta Costa Campos and my work done under the doctoral thesis (Gonçalves, 2010). Thus, I will briefly reflect on the probable or unlikely intersections between linguistics and literature. To this end, it will start from the various conceptions about language / language developed by Plato in *Cratylus* and its consequences in the apprehension of language within the science that studies it – linguistics. In the final part of the paper, some language potentialities will be illustrated with examples of the corpus of the doctoral thesis.

Introdução

O texto, que aqui se apresenta, enquadra-se na evocação do 90º aniversário do nascimento de Henriqueta Costa Campos. Diversas formas são possíveis na descoberta e no conhecimento de uma pessoa: direta e pessoalmente, pelo que se conta dessa pessoa e/ou pelo que deixou. No meu caso, conheço a Henriqueta Costa Campos pelo que as colegas partilham e pelos seus textos. É sobretudo a partir desta última forma de descobrir e conhecer alguém que vou evocar o 90º aniversário, tecendo alguns comentários entre os escritos de Henriqueta Costa Campos que permanecem e o meu trabalho realizado no âmbito da tese de doutoramento (Gonçalves, 2010). Assim, realizarei uma breve reflexão sobre os cruzamentos prováveis ou improváveis entre a linguística e a literatura. Para tal, partir-se-á das diversas concepções sobre a língua/linguagem desenvolvida por Platão no *Crátilo* e suas consequências na apreensão da língua no seio da ciência que a estuda – a linguística – e continuar-se-á a discussão com os contributos de Bronckart (1997), Campos (1994), Coseriu (2001) e Saussure (2002). Na parte final do trabalho, ilustrar-se-ão algumas potencialidades de língua com exemplos do corpus da tese de doutoramento.

Literatura e linguística

Muitos dos trabalhos de Henriqueta Costa Campos incidem sobre textos literários, como forma de repensar a língua e os instrumentos aos quais recorre uma ou um linguista para a descrever e compreender:

O objectivo da linguística é estudar (isto é, descrever e explicar) a actividade da linguagem manifestada na diversidade das línguas naturais. A linguística tem, portanto, um objecto de estudo bifacetado: por um lado, a actividade da linguagem, a que o linguista não tem acesso; por outro lado, os textos em línguas naturais, que manifestam aquela actividade. Estes textos são os observáveis a partir dos quais se formulam e reformulam hipóteses teóricas sobre a constituição e o funcionamento da actividade da linguagem. (Campos, 1994:139)

Assumir os textos como observáveis linguísticos a partir dos quais se tecem reflexões sobre as atividades linguísticas possibilita um cruzamento entre linguística e literatura, no qual a teoria linguística e a prática literária se enriquecem mutuamente. Para além deste cruzamento, importa compreender o que une a linguística e a literatura. Ambas as áreas sustentam o seu trabalho – de descrição/compreensão para a linguística e de criação para a literatura – num substrato: a língua.

Língua entre representacionalismo e não representacionalismo

Tendo em conta o panorama complexo das diversas áreas da linguística, importa pensar se todas essas áreas depreendem a língua da mesma forma. E, recuando aos primórdios dos textos fundadores do pensamento atual sobre a língua, deparamo-nos como o famoso diálogo entre Hermógenes e Crátilo, no *Crátilo* de Platão. Como sublinhado por Sylvain Auroux (1992:79), o diálogo de Platão no *Crátilo* (387 a. J.C) desempenha o papel fundamental de agregar ideias dispersas sobre a linguagem e a língua numa reflexão sistemática. Evocando muito sumariamente esse diálogo de Platão, importa sublinhar que é constituído pela oposição entre duas personagens Crátilo, a qual deu o nome ao diálogo e Hermógenes. Este último defende a língua enquanto criação e convenção no interior de um grupo, ao passo que Crátilo concebe a língua como natural e como expressão da natureza das coisas. Transpondo essa dicotomia para as noções atuais de língua, associa-se, com facilidade, a noção de língua por Hermógenes ao sistema arbitrário dos signos e a uma conceção não representacionalista da língua (Saussure, 1916 e 2002) e a noção cratílina à da *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* de Arnauld & Lancelot (1810) com a conceção representacionalista da linguagem, na qual há uma relação direta entre as unidades linguísticas e os elementos do pensamento. Recorrendo a uma formulação diferente relativa a esta conceção dicotómica da língua, Coseriu (2001) evidencia a língua como sistema de designação: “(...) cela peut facilement mener à concevoir le langage comme un simple système de désignation – une nomenclature – pour des choses données d’avance, c’est-à-dire antérieurs à la création du signe, tandis que son contenu devient quelque chose d’extralinguistique. ” (Coseriu, 2001 :24) e a língua como criação : “Le langage considéré dans son essence est création – et non pas simple emploi – de signifiés; et, par conséquent, il n’est pas non plus simple production de signes matériels pour des signifiés déjà donnés, mais bien création de contenu et d’expression à la fois. Coseriu (2001: 25)”.

É precisamente no seguimento de uma conceção não representacionalista da língua, ou seja, a língua como criação e como convenção (social) que se situa a investigação desenvolvida pelo grupo Gramática & Texto, no qual o trabalho de análise converge para a caracterização da atividade da linguagem em geral, na multiplicidade das vertentes que a caracteriza.

Ainda relativamente à dimensão criativa da língua, um outro aspeto, dos estudos de Coseriu, merece destaque. Segundo este linguista o traço característico da linguagem é o facto de ser, simultaneamente, expressão com significação ou expressão e significação, (2001: 23), sublinhando que a esta relação se dá o nome comum de signo, tal como desenvolvido por Saussure (1916). Embora Saussure e Coseriu defendam a não separação do signo em significado e significado ou expressão e conteúdo, existem linguistas que privilegiem uma vertente em detrimento de outra, como é o caso de Campos (2003):

Ao analisar a significação de um texto, o que interessa ao linguista é não tanto o que se diz mas a forma como se diz. Uma primeira leitura desencadeia a intuição, ponto de partida para a observação e a problematização. Constitui-se então o texto em objecto de estudo linguístico e faz-se incidir a observação e a análise sobre a articulação das categorias gramaticais e das categorias lexicais convergindo para a construção das significações.

Retomando o pensamento de Coseriu verifica-se que este linguista, ao contrário de Campos, não se refere a “significação” e a “textos enquanto objetos de estudo linguístico”, mas a “linguística do texto” e a “linguística do sentido”:

La verdadera fundamentación de la autonomía del nivel del texto, y, con ello, de la lingüística del texto, solo puede ser una fundamentación funcional. Ya sólo el hecho de

que exista una clase de contenido que es propriamente contenido de textos, o contenido dado a través de los textos, justifica a autonomía del nivel textual. Por eso, la lingüística del texto, o, más exactamente, lo que se ha denominado aquí “verdadera” y “propria” lingüística del texto, es una lingüística del sentido. (2007: 156).

A diferença entre significação e sentido é devedora, em larga medida, à conceção de texto enquanto objeto estritamente linguístico, no caso de Campos (2003). Nessa conceção, o texto é desprovido dos aspetos contextuais e situacionais e restringe-se a um conjunto de unidades gramaticais e lexicais, com vista à criação de significação. Contrário a isso, o texto pode ser visto como uma unidade comunicativa (Bronckart, 1997), englobando unidades gramaticais, lexicais e semióticas, visando a criação de sentido (para o produtor e para o recetor). É nessa criação de sentido, integrada na função significativa da linguagem (Coseriu, 2001: 24), que se desdobra e se desenvolve a *ενέργεια* (energia), atividade de criação da linguagem. Deste modo, a língua, no seu carácter intrínseco de *ενέργεια*, assume plenamente a dimensão não representacionista.

Alguns exemplos de *ενέργεια* linguística

O ISD assume uma conceção não representacionista da linguagem, uma vez que a linguagem não se limita a refletir um real. De facto, esta possui uma dimensão praxiológica que se observa no desenvolvimento e funcionamento dos processos gnosiológicos e no desenvolvimento das atividades coletivas. Tal como concebidos no ISD, os tipos de discurso são formas de organização linguística (ou configurações de unidades e estruturas linguísticas), em número limitado, que podem entrar, segundo modalidades diversas, na composição de qualquer texto de qualquer género (Bronckart, 1997: 254). Traduzem operações psicológicas que se refletem na criação de mundos discursivos específicos. Estes nascem da relação que se estabelece durante o processo de produção textual entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as coordenadas relativas à situação de enunciação. Existem, deste modo, dois tipos de relação, a primeira – conjunção ou disjunção – entre as coordenadas espácio-temporais da ação representada e as da ação de linguagem; e a segunda – implicação e autonomia – entre os agentes produtores e os parâmetros materiais da ação de linguagem. Resultam daí quatro tipos de discurso – interativo, teórico, narração e relato interativo.

		Organização temporal	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Organização o atorial	Implicação	discurso interativo	Relato interativo
	Autonomia	discurso teórico	narração

A representação dos limites internos da tabela em tracejado é deliberada por forma a evidenciar que as fronteiras entre os tipos de relação não são estanques e/ou definitivos, como se observa nos seguintes exemplos:

tenho saudades de ti quando estou só tenho saudades de ti quando o teu nome é o teu peso e quase desapareces sob ele. **Quero então lembrar-me.** E vejo-te na curva do rio, sentada no muro do cemitério que rodeava a igreja. O cinzento envolvia a tarde e envolvia-te. Eu chamava-te e tu respondias, olhando-me. (Rui Nunes, *Que sinos dobram*, 18)

Pelo recurso ao presente do indicativo e à primeira pessoa do singular, está-se perante a ordem do expor e, mais precisamente, do discurso teórico. Contudo com a utilização do advérbio de tempo “então” em “Quero então lembrar-me”, observa-se uma deslocação da temporalidade da ordem do expor para a ordem do narrar (relato interativo), deslocação não total, tendo em conta que o verbo do segmento está no presente do indicativo “quero”. Essa deslocação é preservada através do recurso à forma “e” que inicia o enunciado seguinte “E vejo-te na curva do rio, sentada (...)”. Compreende-se que a temporalidade construída a partir desse segmento até ao final do exemplo remete para um eixo temporal diferente do inicial. A partir de “então” desdobra-se a memória (recurso a “lembrar-me”) e é construída outra dimensão temporal, semelhante à descrita por F. I. Fonseca na deixis fictiva (1992). No trabalho que desenvolvi na tese de doutoramento, recorri à expressão brecha temporal para mencionar esse fenómeno de deslocação temporal (Gonçalves, 2010).

Um processo semelhante de deslocação, mas ao nível das marcas de pessoa, é igualmente patente em alguns textos da literatura. F. I. Fonseca parte da noção de ramificação relacionada com a deixis para propor, na esteira de Óscar Lopes, a designação “translação de referência” (1991: 190). Nos exemplos que seguem, observa-se como um produtor textual, um “eu” assumido, como cerne do espaço enunciativo, desliza numa outra referência, a do outro, através do recurso às marcas de pessoa, à semelhança de Rimbaud em “Je est un autre”:

E depois talvez não seja eu quem fala, quem escreve, eu que me chamo Leo mas a minha zona maldita e silenciosa, **o outro** que tem vivido comigo anos e anos sem se trair nem revelar em palavras e actos a cólera antiga e subterrânea. (Casimiro de Brito, *Pátria Sensível*, 115)

Eu ouço-me. Ou melhor, vejo-me a deslizar perante mim, aqui sentado à espera que terminem as aulas de Sara. (Casimiro de Brito, *Pátria Sensível*, 218)

Alberto! Como podia ser Godefredo, Joaquim, Augusto, Hélder, Laurentino. Questão de hábito: sou, muito à superfície, Alberto. (...) enrolo-me em mim (mim é que é o meu nome autêntico), desenrolo-me para formar com os outros exército e cadeia. (Urbano Tavares Rodrigues, *Dissolução*, 120)

Peguei na caneta, escrevi eu... mas depois decidi que o sujeito da frase, de todas as frases deveria ser nós. (Augusto Abelaira, *Bolor*, 142)

Não há ela ..., ela sou eu. (Augusto Abelaira, *Bolor*, 150)

Notas inacabadas dos cruzamentos (im)prováveis

Neste texto, sucinto, procurou-se evidenciar que os cruzamentos entre linguística e literatura são prováveis; dependem, em larga medida, da conceção de língua. São também desejáveis porque convidam a ter uma visão renovada sobre o trabalho em linguística.

Assumo este final de texto, como algo inacabado, não por não ser incompleto mas, por ser fluxo contínuo de pensamento, nutrido pelo pensamento de outras pessoas, que estudam a

língua, tal como Henriqueta Costa Campos. Não a conheci pessoalmente, mas sinto-me grata por conhecê-la através dos seus textos.

Referências

Auroux, S. (dir.) (1992) *Histoire des idées linguistiques, La naissance des métalangages en Orient et en Occident*. Tome 1. Bruxelles : Pierre Mardaga.

Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

Campos, M. H. C. (2003) Exercício sobre uma ode», in I. Castro; I. Duarte (eds.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus pela sua jubilação*, vol. I, Lisboa, INCM, 115-128; URL <http://www.fl.ul.pt/dlgr/mateus/22.ps>

Coseriu, E. (2001) *L'homme et son langage*. Paris : Editions Peeters Louvain.

Coseriu, E. (2007) *Linguística del texto. Introducción a la hermenêutica del sentido*. Madrid: Arco/Libros, S.L.

Gonçalves, M. (2010) *La fragmentation dans la littérature portugaise contemporaine : indices énonciatifs, configurations textuelles et parcours interprétatifs*. ISBN: 9-782-72957-1. Lille: ANRT.

Platon (1989) *Ion, Ménexène, Euthydème, Cratyle*. Paris: Gallimard.

Saussure, F. de (2002) *Écrits de Linguistique Générale*. Paris: PUF.

Saussure, F. de (1995 [1916]) *Cours de linguistique générale*. Paris : Payot.